

À margem. O Jardim Colaborativo de Fritz Müller.

Yara Guasque - Artista e Pesquisadora Independente
Professora Inativa do PPGAV/UDESC

Resumo

Através do corpo de fotografias e das instalações O Jardim Colaborativo de Fritz Müller e Herbário de Yara Guasque, que no ano de 2016 serão expostas na Galeria Municipal de Arte Paulo Vecchietti, em Florianópolis, pretendo mostrar a materialidade da interlocução entre dois naturalistas do século XIX, Fritz Müller, à margem dos centros, e Charles Darwin. Como uma coleção as plantas achadas nos arquivos online, apontam para a troca de correspondência e para a disputa dos direitos autorais pelos institutos e pelas redes de colaboração dentre pesquisadores do passado e do presente.

Palavras-chave: materialidade; coleção; jardim colaborativo; instalação.

Abstract

Through a corpus of photographs and installations O Jardim Colaborativo de Fritz Müller and Herbário by Yara Guasque, that in the year of 2016 will be shown at Galeria Municipal de Arte Paulo Vecchietti, Florianópolis, I intend to point to the materiality of the interlocution between two naturalists of the 19th century, Fritz Müller, at the margin of centers, and Charles Darwin. As a collection of plants discovered in online archives, expose the exchange of letters and the rights of authorship of institutes and collaboration network among researchers from the past and the present.

Key-words: materiality; collection; collaborative garden; installation.



Fig. 1. O Jardim Colaborativo de Fritz Müller
Yara Guasque 2013
Galeria Sala Cláudio Carriconde - CAL/UFSM
Curadoria Nara Santos

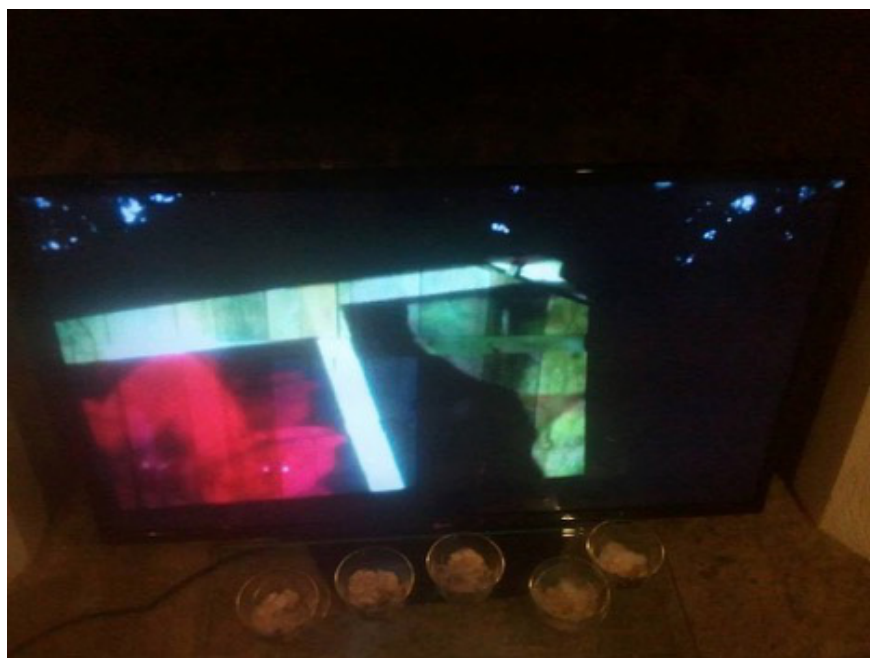


Fig. 2. O Jardim Colaborativo de Fritz Müller
Yara Guasque 2015
Eis Senão Quando
O Sítio Arte, Educação e Coworking
Curadoria Kamilla Nunes

A idéia de construir um jardim como instalação colaborativa, aberto à participação, foi se delineando quando revistei a casa do naturalista em Blumenau. Lá na propriedade à beira do rio, que muitas vezes lambeu suas margens arrastando barro, árvores e livros, pedaços das moradias improvisadas, o jardim está abandonado. Jardim que outrora foi um quase-laboratório, o lugar de pesquisa quando Fritz Müller foi exonerado de seu cargo de naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, passando a se dedicar às plantas, alí cultivadas, com o propósito de facilitar a observação e sua transcrição. Talvez tenha sido neste jardim, ou em sua proposição de estender suas viagens ao longo do Rio Itajaí, que surgiu a observação do sentido do crescimento das trepadeiras por exemplo, que em decorrência da rotação do sol no hemisfério sul têm uma orientação específica (anti-horária, como observada por sua filha Rosa).

No tocante à produção de conhecimento científico Fritz Müller figura como um dos mais modestos cientistas, tendo trabalhado com apenas uma mesinha e um microscópio da marca Schiek, produzido na Alemanha, que ganhou de Max Schultze em 1857. Em seu contexto de vida foi o parco salário que recebeu por anos do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876/1891), como naturalista, que o permitiu fazer a assinatura da Nature, publicação importante para a atualização do conhecimento científico. Me vi no meio de farta documentação no verão de 2010/11, arquivos online, fascículos da Revista Blumenau em Cadernos, e livros de vários autores sobre Fritz Müller para escrever um texto que apresentei no International Symposium on Electronic Art, ISEA de 2011¹. O artigo que foi satisfatoriamente apresentado, versava sobre a troca de informação entre Fritz Müller e Charles Darwin, como sendo uma rede de colaboração entre a periferia e o centro, como Bruno Latour descreveu em seu artigo Redes que a própria razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções².

1 - Colonization and science networks between peripheries and the center: the case of the naturalist Fritz Müller

2 - In: PARENTE, André. (Org.). Tramas. Novas dimensões filosóficas, estéticas, e políticas da comunicação. Sulinas: Porto Alegre, 2004, pp 39-63.

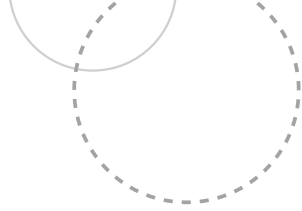


Fig. 3. Versão da instalação O Jardim de Fritz Müller 2015
Yara Guasque 2015
FACTORS 2.0
Imagem Débora Aita Gasparetto

As várias publicações e documentos que tive a possibilidade de ter em mãos, para consulta, não esgotavam o que o jardim representou para Fritz Müller. De lá para cá, nestes quase seis anos, sob o mesmo título fiz várias tentativas em vídeo e em instalações na intenção de produzir a materialidade da interlocução entre Fritz Müller e Charles Darwin, das observações trocadas e instrumentadas, das taxinomias e termos científicos compartilhados com a intenção de produzir conhecimento, do espaço de comunicação entre os centros de pesquisa e coleções do passado e do presente, expondo a poética destes olhares.

O Jardim Colaborativo de Fritz Müller surgiu primeiramente como um vídeo em agosto de 2013, quando fiz a captura em vídeo do monitor mostrando minha busca online no google images, dos espécimens coletados por Fritz Müller na Mata Atlântica que foram enviados à Europa no século XIX. "Oxalis, Cassia, Maxillaria, Plumbago, Coccocypselum, Lobelia entre outras, foram plantas discutidas em suas cartas. E, 'é interessante considerar, e mesmo emocionante, saber, que nos dias de hoje, descendentes de plantas destas trocas de sementes, pólenes, bulbos, etc. possam estar vivas tanto na Inglaterra quanto aqui no Brasil.'" (ZILLIG, 1997, p. 76 Apud TOMIO, 2012, p. 79). Estes espécimens foram documentados pela intensa troca de cartas entre Fritz Müller e Charles Darwin. O vídeo mostra o movimento das sucessivas páginas da web da imagem destas plantas sendo roladas. Imagens estáticas e imagens de diversas fontes, fotografias, desenhos e gráficos, roladas no google onde foram capturadas, junto a imagens de minha câmera e vídeos feitos por mim in loco, na casa de Fritz Müller em Blumenau.



Fig. 4. *Nymphoides humboldtiana* coletada por Fritz Müller
QR code à partir do Herbário Royal Botanic Garden de Kew
Yara Guasque 2016

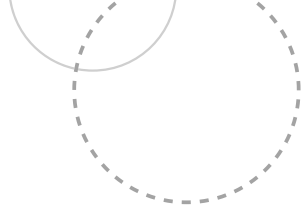
Depois no mesmo ano como uma instalação participativa, quando expus sobre uma mesa cinco pequenos vasos de vidro transparente, adesivados com QR code das cinco imagens de plantas que localizei no herbário do Royal Botanic Garden de Kew, Inglaterra, coletadas por Fritz Müller. (Fig. 1). Na época era possível ver uma lista grande de outras espécies e suas classificações científicas, que não eram disponibilizadas como imagem. Apesar de muitas outras aparecerem como sendo enviadas por F. Müller, como coletor, algumas estavam catalogadas como sendo espécies oriundas da Austrália ou do México. Em meados de setembro de 2016 este número cresceu e já consegui 205 plantas como imagens e identificadas como sendo Fritz Müller o coletor.



Fig. 5. *Panicum stoloniferum* coletada por Fritz Müller
Fotografia à partir da impressão da imagem da planta
arquivada no Royal Botanic Garden de Kew
Yara Guasque 2016

A instalação convidava os visitantes a realizar suas próprias buscas inserindo mais uma planta desidratada à lista iniciada da pesquisa. E à medida que outra planta coletada por Fritz Müller fosse achada nos arquivos online, mais um vaso seria exposto completando a coleção. A instalação foi exposta em 2013 na exposição intitulada Arte/Ciência/Tecnologia. Galeria Sala Cláudio Carriconde - CAL/UFMS, sob a curadoria de Nara Santos, no 8o Simpósio de Arte Contemporânea. Santa Maria, RS.

Em maio de 2015, o convite à participação da exposição em processo Eis Senão Quando, que aconteceu no espaço O Sítio Arte Educação e Coworking na Lagoa da Conceição em Florianópolis, SC, me impulsionou a produzir um vídeo através da recaptura direta pelo computador da projeção da primeira versão de 2013 sobre uma casinha de madeira, que fica à beira de um riacho que corta a propriedade resguardada de exemplares da Mata Atlântica. O movimento das imagens sendo roladas no google se fundiram pela recaptura ao movimento das árvores ao redor balançadas pelo vento no cair da noite. Obtive assim a homogeneização entre imagens muito nítidas e outras difusas.



Este foi o vídeo usado para a instalação O Jardim Colaborativo de Fritz Müller 2015 em sua segunda versão. A instalação exibia o vídeo em monitor LCD dentro de uma lareira junto aos pequenos vasos de vidro adesivados com os QR codes das plantas coletadas por Fritz Müller, dispostos à sua frente, mais tarde substituídos por beckers adesivados em FACTORS 2.0. Esta instalação participou em maio de 2015 da exposição Eis Senão Quando de curadoria de Kamila Nunes no espaço O Sítio Arte Educação e Coworking Florianópolis, SC, (Fig. 2) e em setembro do mesmo ano no FACTORS 2.0 - Festival de Arte - Ciência-Tecnologia, no MASM/Santa Maria sob curadoria de Débora Aita Gasparetto, Nara Cristina Santos e Andrea Capssa, evento que integrou o 10o Simpósio de Arte Contemporânea, realizado pelo Labart e promovido pelo PPGART paralelo à 24o Encontro da Anpap (Fig. 3).

Em dezembro próximo (2016) O Jardim Colaborativo de Fritz Müller, selecionado pelo edital 010/2015 de ocupação de exposição temporária na Galeria Municipal de Arte Paulo Vecchiatti de Florianópolis, administrada pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), ocupará todo o espaço da galeria com seus 76m².

Nesta exposição apresentarei todo o conjunto da obra contendo duas instalações de vídeo, sete fotografias das plantas desidratadas do herbário de Kew, vistas sob vidros sujos (Fig. 5), que se tornaram opacos com o tempo por terem fungos aderidos sob sua superfície, e uma parede de vidro adesivado com os 205 QRcodes, (Fig. 4), que remetem às plantas que localizei recentemente no herbário do Royal Garden de Kew, Inglaterra. De cinco plantas em 2011, quando escrevi o primeiro artigo apresentado no ISEA de 2011, Istambul, para duzentos e cinco agora é um grande salto. Acredito que tenha contribuído para este aumento as verbas do edital do CNPq chamado REFLORA de 2010, que permitiu aos pesquisadores viajar, e através de suas redes de colaboração localizar os espécimens brasileiros que Fritz Müller coletou. A verba provavelmente financiou também a documentação enquanto fotografia que agora são disponibilizadas.

Os fungos dos vidros falam de um duplo abandono: o da vida pessoal de Fritz Müller longe de sua terra natal, e do círculo de cientistas e instituições que o legitimariam, e que possivelmente seriam melhores interlocutores do que os colonos da recém Blumenau, e o de seu jardim que ainda não mereceu a atenção devida, mesmo tendo toda a propriedade se tornado o Museu de Ecologia Fritz Müller. A propriedade na rua Itajaí, no bairro Vorstadt de Blumenau, é hoje administrada pela Fundação Municipal de Meio Ambiente, FAEMA. Respeitar o jardim como uma "unidade material" seria uma prioridade, onde se entrecruzam as materialidades biológica, social e linguística além da simbólica e política, escarnando as condições materiais de produção de conhecimento do Brasil em tempos de colonização.

Mesmo no momento em que seu trabalho ganha cada vez mais a atenção de cientistas, e em sua memória trabalhos são escritos, estátuas são inauguradas tendo como exemplo a de 1929 em Blumenau, quando suas peregrinações são inspiração para a nomeação de trilhas de aprendizagem da flora, e sua obra é exposta enquanto cartazes, a restauração de seu jardim se iniciada deveria ter o cuidado com o entrecruzamento de suas observações. Estas anotações constam nos artigos publicados ou cartas, na troca de correspondências contendo excidatas, tubos polínicos, sementes, insetos e os espécimens desidratados, como documentos de produção de conhecimento. Destas ricas observações surgiram tratados sobre a produção de conhecimento na ciência, com um olhar pormenorizado das "condições de enunciação do conhecimento científico", como por exemplo a tese de doutorado de 2012 de Daniela Tomio (defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC), Circulando sentidos pela escrita, nas aulas de ciências. Com interlocução entre Fritz Müller, Charles Darwin e um coletivo de estudantes, que dedicou um capítulo específico sobre a produção de conhecimento sobre as plantas trepadeiras como resultante de um coletivo pensante estabelecido entre os dois naturalistas e outros.

A instalação Herbário de 2016 mostra o vídeo com o mesmo nome que foi rea-

lizado com as 205 plantas desidratadas que localizei no arquivo online no herbário de Kew, arquivadas com sendo coletadas por Fritz Müller em Santa Catarina. O vídeo será exposto em monitor de LCD de 42 polegadas dentro de uma casinha de madeira sobre cavaletes, para metaforicamente simular a precariedade e a falta de conforto que a obstinação de Fritz Müller impôs a ele e sua família, sofrendo as enchentes do rio Itajaí, o que o levou a perder quase todos seus livros. A outra O Jardim de Fritz Müller 2016, uma instalação de vídeo interativo que, agora em sua nova versão, alternará entre as versões B&W e a à cores quando ativadas pela passagem dos visitantes. Na versão B&W (Figs. 6 e 7), com o procedimento da mudança de filtros, as imagens estáticas parecem trêmulas, pelas várias recapturas e diferentes campos magnéticos dos aparelhos de captura.

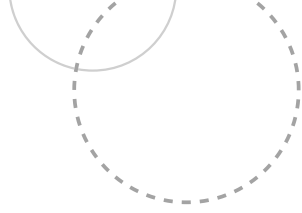
“Quantas vezes surpreendeu-o a noite em lugares ermos, solitários, tendo por cima da cabeça o firmamento desferindo a cintilação das estrelas, e sob os pés descalços as ervas rasteiras do caminho! Aí, alquebrado pelas canseiras do dia, repousava sobre a terra nua e fria o corpo fatigado para recomeçar, aos primeiros raios do sol nascente, a sua instrutiva peregrinação nos campos e florestas”. Do Necrológio de João Baptista de Lacerda. LACERDA, J. B. Fritz Müller. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v.10, p. XIII-XV, 1899. In: Müller (2009, p. 273).



Figs. 6 e 7. Imagens da versão B&W do vídeo
O Jardim de Fritz Müller 2015
Yara Guasque 2015

Minha coleção resulta da busca que realizei na internet, das plantas desidratadas arquivadas no Royal Botanic Garden de Kew, e que são acessíveis e “transportáveis” por meio da leitura dos QR Codes com os aparelhos móveis na Galeria Municipal Paulo Vecchietti em Florianópolis. Fruto de uma pesquisa de vários anos e percursos, revisitando a casa e o jardim hoje abandonado de Fritz Müller em Blumenau, que ele construiu a beira do rio “Itajahy” como era escrito no passado, que foi um dos sítios de várias de suas buscas. Expõe a coleção de carimbos relativos à disputa da propriedade intelectual do herbário e outras instituições de pesquisa do passado, e as recentes que agora se debruçam sobre este material. Como é o caso do REFLORA do Cnpq, que visou o resgate e o repatriamento das espécimes nativas da flora brasileira que foram enviadas nos séculos XVIII, XIX e XX para o exterior. Faz reviver o olhar do “príncipe dos observadores” imerso na Mata Atlântica na recaptura das imagens no google dos espécimes coletados e enviados por carta, seja no herbário do Royal Botanic Garden de Kew, Inglaterra, seja na captura dos espécimes vivos que identifiquei dentre aquelas arquivadas no Kew, e que foram possíveis de serem reconhecidas em minha caminhadas em Florianópolis.

Pouco sei se estas plantas foram enviadas a este herbário diretamente por Fritz Müller, ou se através de outros cientistas que se correspondiam com Fritz Müller, na época, por exemplo o próprio Charles Darwin dentre um circuito de cientistas renomados, autores frequentemente publicados na Nature. De lá para hoje foi possível ter



imagens de muitas mais espécies.

Mas minha investigação, sobre a amizade e rede de colaboração formada entre Fritz Müller e Charles Darwin, me levou a retroagir até a viagem exploratória de Charles Darwin ainda jovem, em sua primeira visita à América do Sul, como uma das redes de colaboração entre a América do Sul e a Europa, e a refazer a travessia do canal de Beagle, que Charles Darwin à bordo do Beagle realizou.

Estas instalações tem então relação com duas redes de colaboração entre a periferia e o centro que capitaliza o conhecimento, quando as coletas, dentro das coleções dos herbários, e bibliotecas, centros de taxidermia podem ser comparadas com outras espécies provenientes de diferentes localidades geográficas.

A primeira é a que se constitui na viagem exploratória de Fitz Roy e Charles Darwin que durou cinco anos, entre os anos de 1831 e 1836, enviando o material para o reverendo Henslow, e a segunda entre Fritz Müller e Charles Darwin, que se efetivou na troca de correspondência, no envio de coletas, desenhos e estudos de observação conduzidos na floresta por Fritz Müller, uma pesquisa sob encomenda, que durou entre os anos de 1861 e 1882.

Fritz Müller tinha lido o trabalho de Charles Darwin sobre sua teoria da Origem das Espécies, publicado em 1859. Trabalhando na Desterro como professor de ciências e matemática, exilado em uma ilha então isolada, sem conexão como possui a atual Florianópolis, o naturalista se dedicou a examinar as larvas do camarão e outros crustáceos para apoiar e dar respaldo científico à teoria de Charles Darwin sobre A Origem das Espécies, na época muito contestada pela comunidade científica internacional, por fragilizar a concepção da crença de que o mundo e a origem das espécies eram resultados do trabalho do criador.

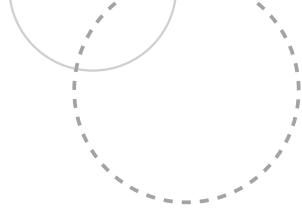
Foi em solo sul americano em sua viagem no Beagle que Charles Darwin teve a idéia de se ocupar da "origem das espécies". Aparelhado com as mais novas tecnologias, e levando consigo o livro Princípios da Geologia de Lyell, o jovem Darwin com 23 anos de idade partiu para a América do Sul: "I soon found out that I possessed two or three articles, specially a pocket compass, which created unbounded astonishment. [...] It excited the liveliest admiration that I, a perfect stranger, should know the road to places where I had never been". (Charles Darwin, 1871, p. 41).

O próprio Charles Darwin relata como sendo sua teoria da Origem das Espécies fruto de suas observações na exploração do hemisfério sul. O naturalista fez parte da tripulação do navio chamado Beagle, que zarpou para o hemisfério sul à procura de novas rotas comerciais para a Marinha Real do Reino Unido. Esta foi sua primeira aventura descendo a costa litorânea do Brasil pelo Atlântico até a travessia pelo sul do Chile ao Pacífico, bordeando a costa extrema do Chile, na América do Sul, à bordo do navio capitaneado por Fitz Roy. Madeira, ilhas do Cabo Verde, Fernando de Noronha, Bahia, Cabo Frio, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio do Prata, Terra do Fogo, Cabo de Hornos, Ilhas Falkland, etc., estas seriam as paragens do navio.

"The object of the expedition was to complete the survey of Patagonia and Tierra del Fuego, commenced under Captain King in 1826 to 1830 – to survey the shores of Chile, Peru, and of some islands in the Pacific – and to carry a chain of chronometrical measurements round the World" (Charles Darwin, 1871, p.1).

Entretanto esta seria a segunda viagem de Fitz Roy em seu regresso à América do Sul. A primeira o jovem capitão assumiu o barco após o incidente trágico que tirou a vida do capitão.

Em seu retorno à Inglaterra Fitz Roy leva no barco, não só o material de pesquisa das coletas, conchas, animais empalhados, plantas dissecadas e desenhos, mas 4 nativos sendo que apenas resistiram ao acultramento e viagem York Minster (então com 26 anos de idade), Fuegia Basket (9 anos de idade), e James Button (14 anos de idade). Como era seu entendimento de que os nativos deveriam retornar a seus lugares de origem, o que hoje é conhecido como Terra do Fogo entre a costa Chilena e Argentina, após um período de acultramento no Reino Unido, Fitz Roy não mediu esforços



para equipar seu barco, o Beagle como ficou conhecido, planejando nova viagem ao hemisfério sul. Na época, a pessoa a conduzir a pesquisa e a fazer o levantamento de dados, era normalmente o médico à bordo, responsável pela saúde dos marinheiros e pelas anotações das descobertas no novo continente. Fitz Roy entendia que a pesquisa realizada por este profissional poderia ter outro alcance se fosse delegada a alguém da área da biologia, que seria capacitado e com mais propriedade de estudo para chegar a conclusões mais além. E foi com este discernimento que Fitz Roy contratou o jovem naturalista Charles Darwin para poder ser um dos tripulantes do Beagle em seu retorno à América do Sul.

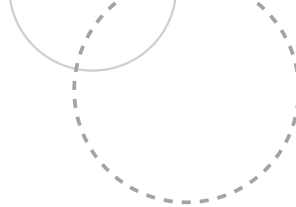
O intento de Fitz Roy era fazer um levantamento da hidrografia e recorte litográfico da região sul para a atualização dos mapas que ao seu ver eram deficientes, informando sobre as condições climáticas e realizando o estudo de plantas da região que pudessem ser comestíveis, e se possível, dando início ao plantio de espécies que pudessem ser fonte de alimento aos naufragos e viajantes do hemisfério sul. Em suma, seu intuito era fornecer à realeza inglesa dados atualizados que favorecessem a passagem de um oceano a outro, já que a travessia entre os oceanos Pacífico e o Atlântico se fazia pela passagem do Cabo de Hornos, uma região historicamente marcada por muitos naufrágios e poucos registros de sobrevivência dos naufragos, seja pela condição inóspita do clima de bruscas mudanças, húmido e açoitado por ventos frios e cortantes, ou pela ameaça dos nativos conhecidos como canibais. Outro era permitir a fixação de um assentamento de religiosos, cuja missão era cristianizar os nativos, e paralelamente dar condição à produção e exploração da região para fins lucrativos inserindo novas espécies, como a procriação de ovelhas, atividade que ficou conhecida como sendo o ouro branco. Ao mesmo tempo, estrategicamente era necessário criar condições para que os barcos que sofressem avarias fossem restaurados no local, antes de prosseguirem rumo suas localidades de origem.

Usualmente as coletas desde os tempos de Humboldt eram replicadas e enviadas por diferentes navios a diferentes portos, para garantir que o material coletado não se perdesse caso um dos navios naufragasse. Em suas coletas o jovem naturalista Darwin preparava caixas que eram enviadas a seu professor, o reverendo John Stevens Henslow na Inglaterra, que era quem organizava o material recebido e os publicava: "The Reverend Professor Henslow has published a list of the plants collected by me at the Keeling Islands; and the Reverend J. M. Berkeley has described my cryptogamic plants". [...] "My most sincere thanks to the Reverend Professor Henslow [...] – who, during my absence, took charge of the collections I sent home, and by his correspondence directed my endeavours" (Charles Darwin p. VI written in Down, Bromley, Kent, June, 1845).

Assim podemos falar que Charles Darwin, quando já recluso em Down House onde fez de seu jardim seu laboratório, após 25 anos de sua primeira viagem retorna ao hemisfério sul através da rede de colaboradores, figurando Fritz Müller como seu mais ativo pesquisador. Agora Charles Darwin, doente e mais velho, repete o lugar de seu antigo professor, John Stevens Henslow, guiando a pesquisa a ser conduzida sem sua presença efetiva, em uma localidade fora de sua abrangência física naquele momento. Dá coordenadas àquele que ele reconheceu como sendo o "príncipe dos observadores", o que o fez proferir: "heaven knows whether I shall ever live to make use of half of the valuable facts which you have communicated to me" (necrólogo de Walter Fielding Holloway Blandford de 1897, publicado na Nature, v. 56, n.1458, p. 546-548, 1897. In: MÜLLER, Fritz. Para Darwin. Für Darwin, 1864. Tradução de Luiz Roberto Fontes; Stefano Hagen. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009, pp.261-271) .

É sabido que o que se caracteriza nestas redes de tecnologia, redes de colaboração que alimentam os centros de cálculo, termo que Bruno Latour cunhou, é a capitalização do conhecimento. Só como dados abstratos podem as espécies coletadas em algures ser comparadas e ganhar um reconhecimento científico.

Também, o naturalista Fritz Müller em sua aventura no sul do Brasil, só sobreviveu intelectualmente graças a esta mesma rede, na qual ele era um colaborador. Muitas



de suas pesquisas foram publicadas com o nome de seus parceiros no exterior, mas que o ajudaram a se manter atualizado e ter interlocutores do nível de Charles Darwin e outros.

Assim este artigo alavanca muitos focos indiretamente. Resgate da institucionalização dos centros de pesquisa, já que como naturalista Fritz Müller foi contratado por D. Pedro II a atuar no Museu Nacional do Rio de Janeiro no século XIX; descaso por parte do Império e depois da República da situação social dos imigrantes, visto que como cientista alemão, naturalizado Brasileiro, migrou com sua esposa e filha em 1852 para Blumenau, no sul do Brasil, onde construiu sua casa e roça à facção; indiferença das condições materiais de produção de conhecimento, dado que é sabido por todos da comunidade internacional de cientistas seus contemporâneos, a modesta vida que ele levou, errante em suas caminhadas fazendo da Mata Atlântica seu livro aberto; recombinação dos dados abstratos das plantas desidratadas coletadas no Brasil no século XIX, que foram inseridas como inscrição nas coleções internacionais e que agora podem ser comparadas com os espécimens vivos ainda hoje na ilha de Florianópolis, produzindo um sentido entre dois séculos de observação; colecionismo digital das plantas arquivadas nos herbários do Royal Botanic Garden de Kew, Inglaterra que agora a instalação se apropria; repatriação dos espécimens brasileiros enviados ao exterior, no século XIX, através da recuperação imagética pela disponibilização online; peregrinação pelas paisagens de alguns sítios de pesquisa de Fritz Müller em Santa Catarina ou de Charles Darwin no sul do Chile, onde foram efetuados levantamentos de dados e coletas que serviram à sua tese sobre a Origem das espécies; ciência do século XIX; botânica; Mata Atlântica; remanescimento dos rios, das plantas e conchas que compuseram as pesquisas do passado na área e do elemento humano; redes de tecnociência; colaboração entre a periferia e os centros; capitalização do conhecimento nos centros de cálculo; disputa de direito autorais sobre a documentação da flora brasileira depositada em centros de pesquisa europeus.

Estes seriam os tópicos que nortearam o texto como palavras-chave. Mas o motivo principal é dar visibilidade como as instalações e vídeos do Jardim Colaborativo de Fritz Müller e Herbário de Yara Guasque criam a materialidade da interlocução entre dois naturalistas no século XIX.

Referências:

DARWIN, Charles. *Journal of Researches into the Natural History and Geology of the Countries Visited During the Voyage of H.M.S. Beagle Round the World, Under the Command of Capt. Fitz Roy, R.A. By Charles Darwin*. New York: D. Appleton and company, 549 & 551 Broadway, 1871.

LATOUR, Bruno. "Redes que a própria razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: PARENTE, André. (Org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulinas, 2004, pp. 39-63.

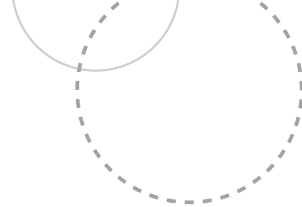
MÜLLER, Fritz. *Para Darwin. Für Darwin*, 1864. Tradução de Luiz Roberto Fontes; Stefano Hagen. Florianópolis, Editora da UFSC, 2009.

ROY, Robert Fitz. *Viajes del 'Adventure' y el 'Beagle'*. Diálogo. Biblioteca Darwiniana. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2013.

TOMIO, Daniela Tomio. *Circulando sentidos pela escrita, nas aulas de ciências. Com interlocução entre Fritz Müller, Charles Darwin e um coletivo de estudantes*. Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica da UFSC em 2012.

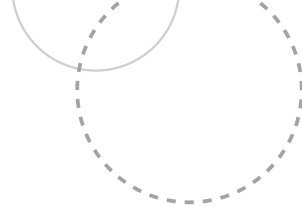
#15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
International Meeting of Art and Technology



#15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
International Meeting of Art and Technology



#15.ART

Encontro Internacional de Arte e Tecnologia
International Meeting of Art and Technology

